



pós-graduação em lingüística

Universidade Federal de Santa Catarina, CCE, UFSC, CPGLg, sl. 201, Trindade
CEP 88040-970, Florianópolis, SC, Brasil - Fone: (048) 331.9581 - Fax: (048) 331.6604

E-mail: pgl@cce.ufsc.br
<http://www.cce.ufsc.br:80/~pgl>

PROVA DE SELEÇÃO PARA O DOUTORADO – 2013.1

A prova de seleção visa a classificar candidatos com as seguintes características: capacidade de reflexão teórica, análise e síntese; capacidade de estabelecer relações conceituais; capacidade de exposição escrita (texto coeso e coerente, domínio da norma culta).

ORIENTAÇÕES:

- 1) **É expressamente proibido assinar a prova e a folha de respostas.**
- 2) **O candidato deverá responder a 4 dentre as 9 questões propostas.**
- 3) **O candidato deverá assinalar com um X as questões escolhidas.**
- 4) **Cada resposta deverá ter, no máximo, 2 páginas.**
- 5) **Cada questão vale 2,5 pontos.**

Questão 1:

“Ao estudar as oposições fonológicas entre sons foneticamente semelhantes, já foi apontado o fato de existir sempre um atributo ou propriedade que era responsável pela diferença entre esses sons e, conseqüentemente, entre os itens lexicais. [...] o que carrega a oposição de significados são as propriedades diferentes que ocorrem nos pares de sons suspeitos. Portanto, todo par de sons suspeitos caracteriza-se por ter uma base comum ou conjunto de propriedades em comum e uma (ou mais) [...] que não é compartilhada pelos dois sons, mas que é específica de um deles.” (CAGLIARI, 2002, p.87¹).

Com base na afirmação acima:

- 1) **Tendo como base teórica a Fonologia Gerativa, qual é a propriedade ou atributo considerado por essa teoria, ou seja, qual é o seu primitivo de análise?**
- 2) **Observe os segmentos: [t d f v s n]. Cite três propriedades individuais de cada um deles e separe-os em duas classes naturais a partir do conjunto de propriedades que têm em comum.**
- 3) **Agora, baseando-se no ecletismo teórico exibido em Cagliari (2002), utilize uma das teorias apresentadas pelo autor e explique (formalizando e dando um exemplo) o processo de harmonia vocálica.**

¹ CAGLIARI, Luiz Carlos. *Análise fonológica*: introdução à teoria e prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

Questão 2:

Considere o trecho a seguir e as duas tabelas abaixo e, depois, responda ao que se pede.

“Uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística. [...] A evidência quantitativa para a *co-variação* entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural.” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 107, grifo no original²)

Tabela 1³: Uso de **a gente** vs. **nós** segundo a **faixa etária**, na fala do Rio de Janeiro (amostra Censo/2000)

Faixa etária	Frequência	Peso relativo
7 a 14 anos	99/105 = 94%	0,84
15 a 25 anos	221/227 = 93%	0,84
26 a 49 anos	208/251 = 83%	0,43
mais de 50 anos	250/385 = 65%	0,22

Tabela 2: Uso de **a gente** vs. **nós** segundo o **tempo verbal**, na fala do Rio de Janeiro (amostra Censo/2000)

Tempo verbal	Frequência	Peso relativo
formas nominais	47/49 = 96%	0,72
Presente	233/314 = 74%	0,59
Futuro	25/35 = 71%	0,38
Passado	233/314 = 74%	0,31

- 1) Identifique a ‘variável linguística’ em foco e os elementos linguísticos e/ou extralinguísticos que co-variam com essa variável.
- 2) Comente a atuação da faixa etária sobre a variável linguística em questão.
- 3) Comente a atuação do tempo verbal sobre a variável linguística em questão.
- 4) Com base nos resultados das tabelas, discorra brevemente sobre os problemas empíricos da *restrição* (fatores condicionantes) e da *transição*.

2 WEINREICH, U.; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

3 As tabelas 1 e 2 foram adaptadas de: OMENA, N. P. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: M. C. PAIVA; M. E. L. DUARTE (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 66; p. 70.

Questão 3:

Leia a citação de Geraldi abaixo.

“[uso] a expressão ‘análise linguística’, distinguindo no interior dela atividades epilinguísticas de atividades metalinguísticas [...] Ora, para que as atividades metalinguísticas tenham alguma significância neste processo de reflexão que toma a língua como objeto, é preciso que as atividades epilinguísticas as tenham antecedido.” (GERALDI, 1993 [1991], p. 190-191⁴).

Agora considere os três exemplos apresentados abaixo, sendo o primeiro um trecho de texto-base de resumo e os dois outros trechos de resumos produzidos por alunos da disciplina Produção Textual Acadêmica, ministrada na UFSC. Em seguida, responda à questão proposta.

Ex. 1:

Paris - Guy Fawkes nunca pensou que sobreviveria a tantos séculos, e menos ainda que, mais de quatrocentos anos depois de suas andanças, a máscara que o representa se converteria em pleno século XXI no emblema daqueles que – desde os indignados até os guerreiros digitais do Anonymous, passando por toda a galáxia dos grupos antiglobalização – se opõem ferreamente à ordem de um mundo ultraliberal, depredador e indolente. (Excerto de texto-base de resumo – artigo de Eduardo Febbro, publicado no portal Carta Maior)

Ex. 2:

Guy Fawkes, católico que em novembro de 1605 tentou assassinar todo o parlamento inglês e o rei James I com 30 quilos de pólvora, nunca pensou que a máscara que o representa seria em pleno século XXI o emblema daqueles que se opõem à ordem de um mundo ultraliberal como os indignados, os guerreiros digitais do Anonymous até os grupos antiglobalização. (Excerto de resumo de uma aluna universitária – 2ª fase)

Ex. 3:

Eduardo Febbro, com seu artigo “Anonymous e a guerra de informação digital”, traduzido ao português por Katarina Peixoto, vem explicar como se iniciou, o que fazem, e quem ou o que é o movimento Anonymous.

Trazendo a imagem de Guy Fawkes, o autor inicia seu artigo para mostrar de onde o grupo Anonymous tirou seu ‘distintivo’, a máscara que Fawkes usou quando tentou explodir o parlamento inglês em 1605. Um símbolo para mostrar sua resistência contra a violação da liberdade. (Excerto de resumo de um aluno universitário – 2ª fase)

Questão

Com base nos resumos produzidos pelos estudantes, discorra sobre a prática de análise linguística como componente do ensino e da aprendizagem da produção textual (o que é, como pode ser feita, com quais resultados esperados, etc.).

4 GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993 [1991].

Questão 4:

As pesquisas com as línguas de sinais evidenciam que estas línguas apresentam todos os níveis de análise da linguística. **Apresente os elementos fonológicos que compõem estas línguas, bem como, aspectos morfológicos incluindo cinco exemplos para explicitar aspectos da fonologia e mais cinco exemplos para explicitar aspectos da morfologia.** Os exemplos devem indicar os elementos identificados como fonológicos e morfológicos.

Questão 5:

Considere (A) e (B) e responda à questão formulada abaixo.

(A)

A linha de pesquisa Gramática do Uso concebe a gramática como emergente e motivada a partir das funções às quais ela se presta em eventos reais de comunicação. Buscam-se tendências de uso com ênfase na frequência de ocorrências, considerando-se as dimensões semântico-cognitiva, pragmático-comunicativa e sociocultural dos fenômenos gramaticais, bem como as relações de diferentes graus e diferentes níveis entre funções e formas linguísticas.

(B)

Imagine a seguinte situação: num restaurante, uma pessoa diz à outra: *Você pode me passar o sal?* Fazendo menção a esse tipo de situação, Pinker (2008, p. 442) afirma: “A esta altura da história da língua, as implicaturas já se fossilizaram na forma de convenções. Fórmulas como *Can you pass the salt?* [...] perderam a transparência, como expressões e metáforas mortas, e são usadas como pedidos diretos”.

Discorra sobre a emergência e fixação de padrões gramaticais na língua, considerando a descrição da linha (A) e a situação ilustrada (B).

Questão 6:

A obra *[RE] discutir texto, gênero e discurso*, organizada por Inês Signorini, visa enfrentar questões teórico-metodológicas que focalizam a linguagem numa perspectiva situada, ou seja, não descolada de contextos de usos e práticas específicas de interação social.

À luz dos excertos abaixo, retirados do capítulo assinado por Lúcia Santaella⁵, discorra acerca dos conceitos de texto, hipertexto, hiperlink e hipermídia.

[...] No final do século XX, uma novidade surpreendente estava reservada ao texto escrito. Os processos de digitalização do computador absorveram-no, provocando uma migração para as telas dos monitores [...]. (p.47).

Explorar o hipertexto significa entregar-se ao fascínio do percurso, tentando esgotar toda a extensão de seus locais e voltar a pontos percorridos para se ter alguma segurança [...]. (p. 61).

[...] A hipermídia só se tornou possível porque, ao longo das últimas décadas, o vocabulário binário foi muito expandido, para incluir bem mais do que apenas números e mesmo letras [...]. (p. 63)

[...] Enquanto a navegação da hipermídia em suporte de CD-ROM depende dos desígnios de um cartograma de nós e nexos, na hipermídia online, isto é, quando se navega nas redes, as associações são mais imprevisíveis, como imprevisíveis são os caminhos seguidos a cada dia pelos usuários de uma grande biblioteca [...]. (p.69).

5 SANTAELLA, Lúcia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês. (Org.) *[Re] discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 47-72.

Questão 7:

Mais de uma década atrás, Almeida Filho (2000)⁶, ao destacar “o pouco progresso visível da qualidade de ensino de línguas” (p. 42) e discorrer sobre a necessidade de fazer com que a formação de professores na “esfera da linguagem” (p. 34) fosse além da pura “aplicação da teoria linguística” (p. 42), argumentava que:

O caminho da Linguística Aplicada – vide Cavalcanti (1986), Almeida Filho (1991) e Moita Lopes (1996), entre outros – pelo contrário, informa e forma o professor para detectar questões da prática que serão estudadas em investigações e projetos segundo um corpo teórico crescente da própria Linguística Aplicada. Desse corpo teórico se formarão novas hipóteses para investigação, outras propostas de soluções e contribuições de novos conhecimentos de relevância para o ensino e outros fins. O lugar da explicação de tudo através da teoria linguística ou de outras ciências e dos métodos prontos será substituído pela busca de traços que caracterizam as concepções de linguagem e (L2), do trabalho realizado, de aprender e ensinar línguas em aulas verdadeiras de professores reais, gravadas e transcritas para explicar porque se ensina como ensina. As mudanças poderão assim sobrevir, por partes, às transições e ajustes do processo complexo de ensinar-aprender línguas ou do trabalho efetivo em outra terminalidade. Essa é a perspectiva da abordagem, de uma verdadeira filosofia de trabalho com a linguagem que orienta todo o processo e da qual o futuro profissional necessita tomar consciência antes de ser certificado e sair a campo para o trabalho. (ALMEIDA FILHO, 2000, p. 43)

Comente, a partir do texto acima, como investigações na área da Linguística Aplicada podem nos ajudar no entendimento de “questões que envolvem a linguagem no cotidiano fora da sala de aula [e que] englobam as relações sociais mediadas pela linguagem.” (p. 34).

⁶ ALMEIDA FILHO, José Carlos. Crise, transições e mudança no currículo de formação de professores de línguas. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. (Org.). *Aspectos da Linguística Aplicada – estudos em homenagem ao professor Hilário Bohn*. Florianópolis: Editora Insular, 2000. p. 33-47.

Questão 8:

“A afasia, a perda da linguagem articulada, costuma ser causada por lesões no córtex e na matéria branca subjacente ao longo da fenda horizontal (a fissura silviana) no hemisfério esquerdo. Praticamente desde que começaram a estudar a afasia, os neurologistas perceberam que os pacientes podem manter a habilidade de falar palavras. [...] A sobrevivência dos palavrões na afasia sugere que os epítetos tabus estejam armazenados na forma de fórmulas pré-fabricadas no hemisfério direito.” (PINKER, 2008, p. 380-81⁷).

A partir das considerações acima, discuta o seguinte episódio. JO é um sujeito que sofreu um acidente vascular encefálico (AVE) que lesionou o hemisfério esquerdo e ficou com muitas dificuldades na escrita e na oralidade. Sua linguagem oral constitui-se, basicamente, dos mesmos enunciados com variação de entonação e ritmo: “Zi zi caraca”. No diálogo abaixo, JO e DI estão vendo uma planta de casa que JO havia elaborado antes do AVE.

DI: Aqui a gente tem uma sala de estar, junto com uma sala de jantar? (apontando na planta que JO trouxe de casa).

JO: É.

DI: Grande, né?

JO: O, o zi caraca. Zi zi zi , zizi (mostrando o resto da casa).

DI: E faz tempo que o senhor fez essa casa?

JO: Ó, zi zi ó, zizi (fazendo sinal de muito com a mão).

DI: E faz tempo que o senhor trabalha com isso?

JO: Zi, zi zi (procurando uma folha para escrever). Que merda!!! (apontando para a boca porque não consegue falar).

DI: Está aqui seu JO. (entregando uma folha e uma caneta).

(João escreve 18 na folha).

DI: O senhor tinha 18 anos quando começou a desenhar?

JO: É, é, zi caraca.

DI: Nossa!

JO: Oh! (faz expressão facial de chateado)... zizi caraca (aponta para si mesmo). Oh, Merda!

Questão 9:

Conforme o que propõe Corrêa (2008)⁸, segundo a perspectiva gerativista e focalizando o modo como os enunciados linguísticos são processados pelas crianças, explique o desencadeamento da sintaxe no processo de aquisição da linguagem, considerando as vias de acesso semântica/intencional e fonética/fonológica.

⁷ PINKER, Steve. *Do que é feito o pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁸ CORRÊA, L. M. S. O desencadeamento (*bootstrapping*) da sintaxe numa abordagem psicolinguística para a aquisição da linguagem. In: FINGER, I.; QUADROS, R. M. de. (Org.). *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: UFSC, 2008, p. 169-220.